

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB

FACULDADE DE CEILÂNDIA- FCE

TERAPIA OCUPACIONAL

EMILIANNA FERREIRA MATOSO

Inclusão escolar da criança com Deficiência Mental: a Terapia Ocupacional na busca de potencializar capacidades.

BRASÍLIA

2013

EMILIANNA FERREIRA MATOSO

Inclusão escolar da criança com Deficiência Mental: a Terapia Ocupacional na busca de potencializar capacidades.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB – Faculdade de Ceilândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof.^a Dra. Flávia Mazitelli

BRASÍLIA

2013

Matoso, Emilianna Ferreira.

Inclusão Escolar da criança com Deficiência Mental: a Terapia Ocupacional na busca de potencializar capacidades/ Emiliana Ferreira Matoso. – Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

32f. : il.

Monografia (Bacharelado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia.

Orientador: Prof^ª. Dra. Flávia Mazitelli.

1. Inclusão Escolar, 2. Deficiência Mental, 3. Terapia Ocupacional .

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura:

Data:

Comitê de Ética da FS - UnB

Protocolo nº: 017/12

Data: 8 de maio de 2012

EMILIANNA FERREIRA MATOSO

Inclusão escolar da criança com Deficiência Mental: a Terapia Ocupacional na busca de potencializar capacidades.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB – Faculdade de Ceilândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Flávia Mazitelli
Universidade de Brasília

Ana Rita Costa de Souza Lobo Braga

Adriana Muniz Ribeiro de Souza

Brasília, _____ de março de 2013.

Dedico este trabalho de conclusão de curso especialmente às duas pessoas que fazem sentido a minha vida, e que me fizeram tudo que eu sou hoje, minha mãe Mônica, e meu avô José, que são o verdadeiro significado do amor.

A minha avó Clodomira (in memoriam) por ter me proporcionado o amor mais puro e sincero;
A minha avó Celma por toda a ajuda, carinho, confiança e orações para que esse momento se tornasse realidade;

Aos meus tios Luiz, José Junior e em especial à Ianessa que fazem os meus dias mais felizes;
As minhas tias Nádia e Nadir por todo amor e carinho e por me fazerem sentir uma pessoa especial e importante;

Ao padrinho Joaquim por toda ajuda e principalmente pelo amor que me foi dado;
Aos meus primos Lorena, Fernanda, Ana Luiza, Marcos Felipe e Tiago, que são os irmãos que eu não tive;

Ao meu afilhado Isaac, que trouxe um novo sentido à minha vida;

As minhas Amigas, Irmãs de coração, do Brasil Central, Ideal e da UnB, que me completam e tornam minha felicidade mais plena;

Ao meu namorado Leonardo por todo amor, amizade, companheirismo, dedicação e pela força nos momentos mais difíceis e de dor;

A Sara, que mesmo tão pequena, me acalma e me faz rir com toda a sua inocência;
A toda à minha família, que são o que tenho de mais precioso e importante, sem eles eu não teria chegado tão longe;

Muito obrigada a todos, vocês fizeram e fazem a diferença na minha existência.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me presenteado com essa oportunidade e nunca ter me abandonado durante o meu caminho, que muitas vezes foi difícil, cansativo, cheio de barreiras e empecilhos, e também perdas. O caminho foi longo, mas agora esta etapa está no fim.

Agradeço a minha família por todo o suporte, amor e confiança depositados em mim, em especial minha mãe e meu avô.

Ao meu namorado pela força e amizade nos momentos de conflito,

A todos os professores que passaram por mim durante essa jornada e que foram muito importantes cada um ao seu modo, em especial a Ana Rita Lobo, Flávia Mazitelli, Nazareth Malcher, Kátia Meneses e Tatiana Pontes;

Aos meus amigos e colegas da UnB/FCE, que me ajudaram e enfrentaram comigo todas as dificuldades e barreiras, em especial: Larissa, Thaiene, Bárbara, Raianne, Nayara, Amanda, Vanessa, Helena, Ana Luiza, Camila, Iasmine, Natalie. Agradeço por todo apoio, sorrisos e abraços.

Agradeço às minhas amigas Larissa e Raiane por toda a ajuda durante a construção desse TCC, pela força e pelos conselhos. Vocês foram fundamentais para essa conquista.

A Clauane e Rafaela, que foram as primeiras amigas que eu fiz assim que mudei para Brasília;

Ao amigos do Ensino Médio que fizeram parte de uma fase muito feliz e inesquecível da minha vida, em especial a Ana Paula, Janaína, Lívia, Wandayk e Rodrigo;

Aos meus pacientes pela confiança e ensinamento mútuo durante os períodos de estágio, que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional;

A Flávia Mazitelli por toda a ajuda e paciência durante a confecção e conclusão deste trabalho;

A Ana Rita Braga e Adriana Muiniz, por terem aceitado o convite para a avaliação deste trabalho.

Muito Obrigada! Vocês fazem parte dessa conquista!

Exortação ao Excepcional

*Aceita-me!
Como sou,
Por questão de justiça e não de caridade.
Torna-me!
Um ser útil, porque de esmolas não quero viver.
Livra-me!
Da ignorância e da dependência, pelo teu dever de cidadão.
Põe!
Nos meus lábios a luz de um sorriso e não a sombra tristonha do medo.
Ajuda-me!
A não ser tão pesado aos meus pais, fazendo a minha reintegração na sociedade.
Reflete!
Que as ilusões que cercaram o meu nascimento são as mesmas que teus pais sonharam.
Desperta!
Com o teu afeto a minha mansidão contra a agressividade que avassala.
Ouça-me...!
Sou HUMANO como VOCE!*

(DESCONHECIDO)

RESUMO

MATOSO, E. F. **Inclusão escolar da criança com Deficiência Mental: a Terapia Ocupacional na busca de potencializar capacidades.** 2013. 32f. Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Graduação em Terapia Ocupacional, Faculdade de Ceilândia. Brasília, 2013.

Introdução: O acesso à escola traz muitos ganhos para as crianças com deficiência, mas até pouco tempo eram poucos que possuíam acesso às escolas. A Educação Inclusiva nasce para se repensar a escola, garantindo educação a todos, respeitando a diversidade, as diferenças e as individualidades de cada um, adaptando-se para receber esses indivíduos. Infelizmente ainda existem muitas dificuldades para que haja uma inclusão escolar plena, como por exemplo, as barreiras visuais, sonoras e arquitetônicas existentes nas escolas, a falta de capacitação dos professores, a falta de materiais adaptados para os alunos com deficiência dentre outros. A Terapia Ocupacional surge para trabalhar como um auxílio junto a essa escola. Buscando com o professor a melhor forma de adaptar tanto os materiais didáticos quanto o currículo a fim de atender a todas as necessidades do aluno com deficiência, além de trabalhar como apoio aos outros profissionais e alunos da escola para que haja uma aceitação e valorização da deficiência. **Objetivo:** Compreender como vem ocorrendo o trabalho da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar da criança com deficiência mental na escola de ensino regular nos últimos dez anos. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo realizado por meio de Revisão Bibliográfica, realizada através de Fichamento Bibliográfico de todos os estudos encontrados na pesquisa. **Discussão:** Fica claro na pesquisa que é necessária a mudança do ambiente escolar, em que ele deve estar adaptado para receber o aluno com deficiência, e não o contrário. O trabalho da Terapia Ocupacional vai modificar esse espaço no que diz respeito ao ambiente físico, e aos materiais utilizados em sala de aula, levando-se em conta as necessidades de cada aluno, atua também junto ao professor como um auxiliar, sempre trabalhando a sua autonomia e respeito, além também de trabalhar a aceitação e valorização da deficiência junto aos outros alunos, funcionários da escola, pais, etc. **Considerações finais:** A pesquisa nos mostra a importância da Terapia Ocupacional no processo da inclusão, fortalecendo e resgatando o respeito e a confiança na relação entre professor-aluno, entre o aluno com deficiência e os outros alunos, entre o aluno e os demais membros da escola, dentre outros.

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Deficiência Mental; Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

MATOSO, E. F. **School inclusion: Occupational Therapy in seeking leverage capabilities.** 2013. 32f. Monograph (Graduation) - University of Brasilia, Undergraduate Occupational Therapy, Faculty of Ceilândia. Brasília, 2013.

Introduction: The access to school brings a lot of benefits for children with deficiency, but until recently were few that have access to school, being these always skilled education institutions or special classes. The Inclusive Education born to rethink the school, ensuring education for all; respecting the diversity, differences and individualities, adapting itself to receive these people. Unfortunately, there are still much difficulties in order that have full educational inclusion as visual, sound and architectural obstacles existing schools; the lack of capacity, teachers training; the lack of adapted materials for students with deficiency and others. The Occupational Therapy arises to work as assistance next to this school. Searching with teacher the best way to adapt both the didactical materials and the curriculum in order to attend every needs of students with deficiency, besides work like support to others professionals and students of school so that there's an acceptance and appreciation of deficiency. **Objective:** The present study have objective to understand as the work of Occupational Therapy is occurring in inclusion educational process of child with mental deficiency at regular education school in the last ten years. **Methodology:** This is a descriptive study realized by Bibliographic Review, realized across Bibliographic Cataloging of very studies found in the search. **Discussion:** It's clear in search that is necessary changing the school environment. It must be adapted to receive the student with deficiency and not opposite. The work of Occupational Therapy come to modify this space, both in that say respect physical environment as to materials used in the classroom, taking into account the needs of each student, also works the teacher like a helper, always working its autonomy and respect, also beyond work the acceptance and appreciation of deficiency together others students, employees of school, parents, etc. **Final considerations:** The research shows importance of Occupational Therapy in the process of inclusion, strengthening and rescuing the respect and the confidence in the relationship between teacher-student, student with deficiency and others students, student and others members of the school and others.

Keywords: School Inclusion; Intellectual Disabilities and Occupational Therapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 DEFICIÊNCIA MENTAL	11
1.2 O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR	12
1.3 DIFICULDADES E DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR	16
1.4 TERAPIA OCUPACIONAL	18
1.5 TERAPIA OCUPACIONAL NA INCLUSÃO ESCOLAR	19
2. JUSTIFICATIVA	22
3. OBJETIVOS	24
3.1 OBJETIVO GERAL	24
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
4. METODOLOGIA	25
4.1 DA CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	25
4.2 DO MÉTODO QUALITATIVO	25
4.3 DA BASE DE DADOS	25
4.4 DOS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	26
4.5 DA DOCUMENTAÇÃO	26
5. DISCUSSÃO	27
5.1 ACESSIBILIDADE/ ADAPTAÇÃO DO MATERIAL	27
5.2 TRABALHANDO JUNTO AO PROFESSOR	28
5.3 ACEITANDO AS DIFERENÇAS	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

Se você fracassa em enxergar a pessoa, mas vê somente a deficiência, então quem é o cego? Se você não consegue escutar o grito por justiça de seu irmão, então quem é o surdo? Se você não se comunica com sua irmã, mas a mantém afastada de você, então quem é o deficiente? Se o seu coração, ou sua mente, não se estendem para o seu vizinho, quem então tem deficiência mental? Se você não se levanta pelos direitos de todas as pessoas, quem então é o aleijado?

(anônimo)

1.1 DEFICIÊNCIA MENTAL

Deficiência mental é um termo geral, utilizado para se referir à deficiência de desenvolvimento, que irá permanecer por toda a vida, tendo como marca os déficits tanto no que diz respeito a habilidades intelectuais e também às funcionais (BALOUEFF, 2002).

Falando de uma forma geral, a pessoa com deficiência mental possui algumas alterações, sendo elas, por exemplo, na área da comunicação, principalmente no que diz respeito à cognição, e também nas áreas socioeducacionais e motoras. As alterações da área cognitiva geram problemas com relação à memória e atenção que nesses casos tendem a ser reduzidas, além de dificuldades na resolução de problemas (CARVALHO, 2006).

Crianças com deficiência mental possuem um desempenho ocupacional mais lento no que diz respeito à aprendizagem, além de possuir comprometimento nas habilidades funcionais e também atrasos no desenvolvimento. Esse nível de comprometimento, porém, não é aplicado a todas as crianças com deficiência, isso vai variar de acordo com a gravidade do retardo mental e, também está relacionado, por exemplo, com fatores ambientais. (BALOUEFF, 2002).

Ao final do século XIX, foi desenvolvido um teste na qual iria se aferir o nível de inteligência do indivíduo, esse teste foi denominado Quociente Intelectual. Com questões relativas ao conhecimento matemático e linguístico, o resultado seria dado em termos de idade mental. Com isso, resultados de QI entre 70 e 120 seriam considerados normais, os resultados abaixo de 70, seriam consideradas pessoas com deficiência mental, e acima de 120 eram considerados casos de superdotação. Nessa época, pessoas com deficiência mental eram

vistas como extremamente comprometidas e sem chances de interação, aprendizagem e desenvolvimento (CARVALHO, 2006).

Historicamente esse indivíduo ocupa o lugar de diferente, de estranho, o que conseqüentemente lhe gera um status de desacreditado socialmente. Na sociedade existem padrões de normalidade e anormalidade de acordo com cada grupo social, a deficiência então é vista como um desvio dessa normalidade, tornando-se assim alvo constante de isolamento social, preconceito e discriminação. É necessário acreditar que não é porque uma pessoa tem deficiência mental que ela vai ser menor que os outros, incapaz ou impossibilitada como indivíduo (JURDI, 2004).

Há de se entender que o indivíduo com deficiência, seja ela mental ou qualquer outra, não deve possuir como status a falta da eficiência. Deve-se compreender que essas pessoas possuem necessidades e capacidades diferentes dos outros. Uns com mais habilidades, e outros com mais dificuldades, mas que ainda assim tem os mesmos direitos e deveres de qualquer cidadão que não possua uma deficiência, sendo assim uma pessoa como qualquer outra. Essa visão preconizada da sociedade e acima de tudo estigmatizada deve acabar.

As pessoas com necessidades especiais, ainda hoje, em pleno século XXI, sofrem com os estigmas, as discriminações e os pré-conceitos vindos da sociedade. A mesma na sua maioria, ainda trata o indivíduo com deficiência, como uma pessoa inferior, incapaz, impossibilitada. Diferente do que foi estipulado como normal, que seria aquela pessoa sem nenhuma deficiência física ou mental, sem nenhuma dificuldade de aprendizagem, dentre outras. Tudo isso irá influenciar nos processos de desenvolvimento daqueles indivíduos, seja no âmbito pessoal, social ou familiar, visto que o desenvolvimento das pessoas se dá através das interações com o meio.

Segundo Carvalho (2006), a criança não tem o seu desenvolvimento determinado naturalmente, ele acontece através das interações com outros indivíduos, com o meio social onde ela está inserida, e é a partir dessas relações interpessoais que a criança vai internalizar os conhecimentos, valores e conceitos.

É necessário levar em conta o papel do meio em que está inserido esse indivíduo com deficiência, na sua capacidade de adaptação e interação (MANTOAN, 1998).

1.2 O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR

O conceito de Integração escolar foi elaborado em 1972 por profissionais escandinavos, e pregava o princípio da normatização, que diz que todos os indivíduos com deficiência tem o direito de ter condições de vida comuns e “normais”. O termo normatização não significa tornar normal, mas sim dar oportunidade às pessoas de serem diferentes tendo o reconhecimento de suas necessidades por parte da sociedade (BATISTA E ENUMO, 2004).

Para a criança que possui deficiência, o acesso à escola traz muitos ganhos, mas até pouco tempo, somente uma pequena porção dessa população tinha acesso às escolas, e eram sempre instituições de ensino especializado ou classes especiais, mostrando que a relação existente entre deficiência e ensino especial era a de que a condição de deficiente por si só definiria a necessidade de um atendimento especializado. (JURDI E AMIRALIAN, 2006)

Propôs-se então retirar os alunos com deficiência do ensino especial e inseri-los na escola regular, proporcionando-lhes assim um novo espaço, novos parceiros, além de uma maior socialização e convívio com os demais alunos. Também foram inseridas na escola regular as práticas pedagógicas utilizadas no ensino especial, agora com uma vertente mais educativa, individual, levando em conta as características do aluno (SANCHES E TEODORO, 2006).

A integração escolar veio para retirar as crianças e os jovens com deficiência das instituições de ensino especial, buscando a sua normatização. Com isso permite-se que o indivíduo com deficiência usufrua de um novo espaço além de novos convívios de socialização e de aprendizagem, que se dão na escola regular (SANCHES e TEODORO, 2006).

O conceito de integração nos remete a uma compreensão da inserção social da pessoa com deficiência a partir do seu esforço pessoal e individual, cujo foco de ação ocorre sobre a pessoa com deficiência, visando o desenvolvimento de suas habilidades e competências para a sua adaptação ao meio social, onde a ação tem por finalidade o indivíduo, objetivando minimizar as consequências de suas incapacidades, a partir de serviços especializados, para assim ocorrer a sua inserção no meio social (ROCHA et al, 2003).

Para Sanches e Teodoro (2006) integração pode ser considerada como o oposto de segregação, tendo no seu processo práticas e medidas que venham a potencializar e maximizar a participação do deficiente nas atividades comuns a todos.

Jurdi et al (2004) acredita que a educação se dá através de encontros, que vão possibilitar o acesso do indivíduo ao conhecimento, fazendo com que o mesmo se aproprie do

mundo humano, e as experiências que irão ocorrer na escola vão depender da relação que irá acontecer entre aluno e professor, para que haja um ambiente de confiança, onde ensinar e aprender acontecerá de um modo significativo. Partindo da ideia de que quando o indivíduo se apropria do saber, ele cria possibilidades de agir, intervir e transformar o ambiente.

Ao final dos anos 80, o termo integração começa a perder força, sendo substituído então pela ideia de inclusão, uma vez que o objetivo da escola é incluir, sem distinção, todas as crianças, independente de suas habilidades. Integração nos dá a ideia de inserção parcial e condicionada às possibilidades de cada pessoa, já a palavra inclusão remete-nos a uma definição mais ampla, indicando uma inserção total e incondicional (BATISTA e ENUMO, 2004).

Percebe-se assim que quando usamos o termo integração, falamos da inserção do indivíduo, sob um olhar individualista, uma ideia mais restrita, já quando usamos o termo inclusão, pensamos em uma inserção total, ampla, abrangendo não só o indivíduo, mas a escola e a sociedade. Dando a oportunidade do mesmo se inserir em uma escola regular, permitindo que suas características sejam únicas, e modificando esse ambiente escolar, a fim de atender esse indivíduo, adaptando-se às suas necessidades.

A palavra inclusão possui vários significados e interpretações. Indica, por exemplo, que toda criança, independente do grau de comprometimento deve frequentar a escola, aponta, também, que essas crianças devem ser inseridas em classes comuns, contando com o apoio de professores e profissionais especializados, como fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, etc., havendo sucesso quando há a participação e empenho de todos os envolvidos (TOYODA et al, 2007).

A Educação Inclusiva segundo Marins e Palhares (2007), aborda a necessidade de se repensar a escola, adequar-se, para assim poder cumprir o seu papel que é a garantia de educação para todos. É o ajuste necessário para a inclusão plena, o apoio aos cidadãos, tanto na escola, no lazer ou no trabalho. É o direito de ir e vir de cada indivíduo com necessidades especiais (TOYODA ET AL, 2007).

Essa inclusão surge na metade dos anos 90 para acabar com a exclusão social das pessoas com deficiência, e também a exclusão desses alunos que acabava acontecendo nas escolas. Segundo Sanches e Teodoro (2006), muitos acreditavam que a inclusão era aplicada apenas aos alunos com deficiência. Mas ao contrário do que se pensava, a inclusão escolar deve abranger todas as crianças e jovens com necessidades educativas especiais. Essa noção

de inclusão vem para ser compreendida como uma inserção de forma mais radical, sistemática e, sobretudo completa (MANTOAN, 1998). Procurando minimizar os efeitos do isolamento social das pessoas com deficiência, buscando a interação entre os alunos, de forma inclusive a diminuir o preconceito (BATISTA E ENUMO, 2004).

O movimento da inclusão traz uma nova abordagem, onde o paradigma de apoio indica agora uma sociedade de suportes, responsável pelos membros que nela existem, propiciando conseqüentemente um acolhimento sem discriminação, buscando a efetiva participação de todos. O foco da ação deixa de ser o indivíduo e passa a ser o coletivo. Ainda predominando a normatização, só que agora não mais do indivíduo com deficiência, e sim a adequação do espaço, das leis, das políticas públicas.

A Educação inclusiva deve ser uma proposta que respeite a diversidade, as diferenças e as individualidades de cada um, adaptando-se para receber esses indivíduos, dando suporte tanto no que diz respeito ao aspecto pedagógico, quanto no aspecto sociocultural (MARINHS E PALHARES, 2007), lembrando que, garantir o acesso daquele indivíduo não vai garantir que ele permaneça na escola. Para Alves e Tebet (2009), simplesmente inserir o aluno sem qualquer assistência ou apoio pode redundar em um fracasso.

Além de uma proposta que respeite as diversidades, a inclusão escolar hoje, presa a união entre o ensino regular e o ensino especial. A colaboração entre os profissionais das duas áreas traz um modelo de ensino colaborativo, onde ambos planejam e aplicam as atividades, e além de tudo, em conjunto, vão assumir a responsabilidade pela aprendizagem do aluno com necessidades especiais (ALVES E TEBET, 2009).

A escola inclusiva constrói um sistema educacional que vai considerar importante todas as necessidades de todos os alunos, se estruturando de acordo com essas necessidades, diferenciando-se, assim, da integração, pois ela não irá se limitar em prestar ajuda apenas para o aluno com deficiência ou com dificuldade de aprendizagem, mas prestará um serviço de apoio a todos, que engloba professores, alunos, comunidade, pessoal administrativo da escola, dentre outros (MANTOAN, 1998).

A criação e valorização da escola inclusiva não são somente um papel de alunos, pais, comunidade e professores, mas também dos governantes, afinal é deles a responsabilidade política e financeira. Também se faz necessária uma drástica mudança de pensamento, de mentalidade, buscando um maior respeito.

Assim, faz-se fundamental a criação de ambientes favoráveis àquele aluno, com todos os recursos e condições que ele necessita e a que tem direito. Essa proposta vem para modificar a visão da sociedade, para que não se pense apenas na deficiência, mas no indivíduo como um todo, levando em consideração não somente sua incapacidade, sua limitação, mas, sobretudo a sua vontade, sua capacidade, sua superação de limites.

A Inclusão Escolar trouxe um novo olhar, mais amplo para a educação, obrigando a escola a repensar qual seria o seu papel. Agora ela não é mais uma escola que seleciona o aluno, ela é uma escola inclusiva, onde ela inclui os alunos, independentemente de suas diferenças, deficiências ou dificuldades. Onde se aprende a lidar com essa diferença, sendo isso a mudança positiva. A escola repensa o seu papel para oferecer maior qualidade de vida ao indivíduo, tendo assim um novo desafio, que visa incluir não somente os excluídos, mas sim a todos que se encontram, em situação de deficiência (SANCHES E TEODORO, 2006).

Jurdi e Amiralian (2006, p. 192) afirmam que “ao falarmos de um sistema de ensino inclusivo, precisamos falar de uma mudança de comportamento, de atitudes, valores e conceitos”.

Sendo assim, é necessária uma transformação no espaço escolar, não adiantando abrir a porta da escola para o aluno com deficiência, lhe oferecendo um espaço físico na sala de aula, mas é necessário que a escola viabilize formas de atendimento a essa população. Lembrando que o indivíduo não tem o direito somente à educação, mas também às oportunidades educacionais, sendo a escola a responsável por atender as diferenças individuais de cada educando, que em geral, não são poucas (JURDI E AMIRALIAN, 2006).

1.3 DIFICULDADES E DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR

O sistema de ensino é classificatório e tem sido responsável por promover a exclusão e não a inclusão. As pessoas com deficiência mental são colocadas em um ensino especial, que está à margem do ensino regular, pois além de possuírem um comprometimento intelectual, são tidas como sujeitos que possuem comprometimento no comportamento adaptativo (GHIRARDI, 2000), ocasionando assim não somente a exclusão escolar, como também social, visto que as pessoas na sua maioria, não conhecem e não compreendem as limitações e as capacidades dos indivíduos com deficiência mental.

A criança com deficiência na grande maioria das vezes está incluída em uma lógica de segregação familiar, internação na sua própria casa, ou então pode até estar inserida na rede regular de ensino, mas como objeto de dó e/ou piedade, e não como sujeito participante dos processos educacionais. Não é suficiente a criança estar matriculada e frequentando a escola, sem o apoio necessário ela não vai ter garantido o seu processo de socialização e aprendizado (ROCHA et al, 2003).

Algumas instituições de ensino abrem as portas de entrada para as pessoas com deficiência, mas não estruturam as suas portas de saída, onde há a segregação e a exclusão dessa clientela, visto que essas instituições não apoiam a inserção desses indivíduos na comunidade, e também não abrem suas portas para que haja a participação da mesma nesse processo de inclusão. Além de tirar da criança o direito a sua autonomia e desejo, acreditando que ela não pudesse tê-los (JURDI, 2004).

O maior desafio educacional para Alves e Tebet (2009) é justamente trabalhar com a diversidade, a escola deve ser repensada, as diferenças de cada indivíduo devem ser valorizadas e não simplesmente aceitas, o que gera um grande desafio para o sistema educacional.

Imaginar o número de obstáculos que os indivíduos com incapacidades motoras encontram nos edifícios, onde tudo é concebido para as pessoas que andam, é uma maneira de perceber a extensão dos problemas de uma pessoa com deficiência mental no meio escolar tradicional (MANTOAN, 1998, p.3).

Maciel (2000) afirma que é necessário analisar se o ambiente escolar está favorável para receber essa pessoa com deficiência. Analisar se existem salas de apoio pedagógico, se foram eliminadas as barreiras sonoras, visuais e arquitetônicas de toda a escola, se a comunidade escolar está preparada para atender e compreender as demandas do aluno com deficiência, e se o currículo escolar está adequado para tal realidade.

A adaptação dos objetos de aprendizagem para os alunos com deficiência, não é comum nas escolas, pelo contrário, esses indivíduos é que tem de se adaptar e corresponder aos objetivos dessa escola, onde algumas vezes nem os demais alunos, sem deficiência, conseguem corresponder, levando então a uma situação de fracasso escolar, com consequências na autoestima dos educadores e principalmente dos alunos que apresentam deficiência. A área pedagógica deve ter como objetivo a promoção da autonomia desses indivíduos, supondo o uso de habilidades intelectuais pessoais, que devem ser compatíveis com a capacidade intelectual de cada um (MANTOAN, 1998).

O professor precisa conhecer a respeito da deficiência que está lidando em sala de aula, os seus tipos e causas, além das necessidades educativas que cada uma irá delegar. Antes de tudo, ele precisa ter uma visão ampla da área, que deveria ser proveniente da sua formação, mas infelizmente são poucas as universidades que adotam essa questão na formação dos educadores, sendo necessária a mudança dessa realidade, devendo haver cursos, formação especializada, seminários, etc., a respeito da questão da inclusão de deficientes nas escolas regulares (MACIEL, 2000).

A interação professor-aluno só ocorre quando há uma visão despida de preconceito, cabendo ao professor favorecer o contínuo desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais. Não é tarefa fácil, mas é possível (MACIEL, 2000, p.55).

A falta de capacitação, conhecimento e despreparo do educador à cerca da deficiência e possibilidade de cada criança, acaba gerando situações de medo, preconceito e, muitas vezes, de recusa, além de sensação de impotência diante das limitações, o que reflete diretamente no processo de ensino, o resultado serão alunos desmotivados e professores assustados com o desconhecido, acreditando que aquele aluno com deficiência é um problema ou até mesmo um desafio que ele não consegue vencer (ROCHA et al, 2003; TOYODA ET AL, 2007). Ao passo que, a superação da deficiência, do diferente e a desconstrução desse imaginário fantasioso da deficiência, podem ser a chave para a superação do processo de exclusão escolar e social (ROCHA et al, 2003).

Não podemos dizer, no entanto, que o empecilho para a inclusão escolar seja somente a falta de capacitação de alguns educadores, mas também questões que são relativas às barreiras arquitetônicas que os espaços escolares possuem como a falta de móveis adaptados, equipamentos e materiais pedagógicos adequados para cada deficiência.

O possível fracasso da inclusão escolar tem como responsável, muitas vezes, os professores ou profissionais da saúde que atuam na escola, quando na verdade é um conjunto de fatores, que englobam as relações sociais entre indivíduos, profissionais e alunos da instituição, familiares e também comunidade.

Parte dessa responsabilidade também é atribuída aos serviços de saúde, que não dão o suporte necessário ao indivíduo com deficiência, às suas famílias e também aos educadores. E quando o fazem é sob uma perspectiva organicista, centrada nos aspectos individuais e referentes à patologia (ROCHA et al, 2003).

Para que haja a inserção da pessoa com deficiência segundo Rocha et al (2003), se faz necessária a mudança de espaços, de leis, além do ajuste da comunidade, o foco não é mais o indivíduo e sim o coletivo. Vislumbrando uma organização em que todos são responsáveis por todos. Havendo a adaptação, preparo e aceitação da pessoa com deficiência e suas diferenças.

1.4 TERAPIA OCUPACIONAL

A Terapia Ocupacional emergiu enquanto profissão relacionada aos problemas de inserção social das pessoas com algum agravo e/ou deficiência física ou mental e sua possível inserção no mercado de trabalho. Desde então surge o desafio de compreender o papel do trabalho como eixo principal na sociedade (MANGIAN e LANCMAN, 2003), visto que a profissão busca a autonomia e independência do indivíduo.

A profissão tem por objetivo alcançar metas ou resultados a partir da intervenção profissional, sendo eles melhorar o desempenho do indivíduo, aumentar a sua autonomia, inseri-lo na comunidade, além de superar déficits ou traumas. Como objetos da profissão, tem sido definidos o cotidiano, a ação, e o fazer humano (SOARES, 2007).

O trabalho da Terapia Ocupacional abrange a pediatria, a reabilitação física, geriatria, cuidados paliativos, saúde mental, saúde do trabalhador, além de trabalhar na educação, como equipe de apoio a professores.

1.5 TERAPIA OCUPACIONAL NA INCLUSÃO ESCOLAR

A Terapia Ocupacional no espaço escolar tem como meta fortalecer a ação dos educadores e também dos educandos, buscando facilitar e solucionar os impasses do grupo. Para isso, utiliza de diferentes atividades, que se adéquam junto à necessidade de cada realidade (ROCHA, 2007).

Historicamente a Terapia Ocupacional na área da educação se deu na chamada Educação Especial. Tal Educação se passava nas instituições especializadas, em classes especiais, onde ocorria a segregação da rede regular de ensino. O trabalho da Terapia Ocupacional era direcionado às pessoas com deficiências mentais, visuais, auditivas, físicas e também aos que possuíam transtorno do desenvolvimento, e se caracterizava como um apoio

ao educador voltado especificamente para essa população de estudantes com deficiência. O processo terapêutico levava em conta a faixa etária, diagnósticos psico-pedagógicos, dentre outros. Basicamente a atuação da Terapia Ocupacional era vista como uma extensão do trabalho realizado nos serviços de reabilitação, visando à normatização do comportamento, da cognição e também do desempenho motor daquele indivíduo com deficiência (ROCHA, 2007).

Sendo assim, sua ação era voltada para a inserção da pessoa com deficiência no âmbito escolar e social. Era um trabalho que alocava um conjunto de esforços reabilitacionais, visando minimizar as consequências causadas pela incapacidade, e assim proporcionar o desenvolvimento de habilidades e competências para que houvesse a adaptação do indivíduo ao meio social e educacional. A finalidade de intervenção recaía apenas no indivíduo, ele era responsabilizado pelo devido sucesso ou fracasso de tal trabalho, podendo ser visto como o herói ou como o coitadinho (ROCHA, 2007).

Ainda segundo Rocha (2007), a partir da década de 80, a Terapia Ocupacional que até então era restrita aos espaços institucionais da Educação Especial é desafiada a reinventar sua intervenção. Grupos de terapeutas ocupacionais propõem a intervenção no campo do ensino regular tomando como objeto de estudo as metodologias empregadas nos processos de ensino-aprendizagem, ocorrendo assim o primeiro deslocamento, onde o objeto de intervenção deixa de focar nas deficiências e incapacidades do indivíduo e passa agora a analisar as dificuldades e limites das diferentes abordagens de ensino-aprendizagem.

Ao pensarmos no trabalho da Terapia Ocupacional, temos que pensar de uma forma universal, criando soluções ao mesmo tempo individual e coletiva, atendendo a todas as diferenças e deficiências. Deve-se criar um espaço acessível, confortável, sem barreiras arquitetônicas, a fim de facilitar a participação de todos, além de trabalhar a autonomia e respeito do professor, auxiliando a elencar as necessidades de cada aluno, e assim buscar e encontrar as melhores soluções para cada dificuldade surgida (ROCHA et al 2003). Por esse motivo a sua intervenção vem sendo utilizada além dos espaços terapêuticos tradicionais, buscando melhorar a qualidade de vida e a autonomia dos indivíduos que por algum motivo, encontram dificuldades de participação e/ou inserção sociais (JURDI et al, 2004).

Na inclusão escolar a Terapia Ocupacional tem por objeto o coletivo, sendo ele um trabalho em conjunto com os educadores, os alunos, com deficiência ou não, a comunidade, os pais, a família, para que haja o aparecimento dos sentimentos, das emoções, facilitando

assim a intervenção no âmbito individual, que pode ser através da análise da atividade, do uso de tecnologia assistiva, facilitação das atividades de vida diária e prática, dentre outros (ROCHA et al 2003; ROCHA, 2007).

Com os educadores, o trabalho da Terapia Ocupacional diz respeito às dificuldades e necessidades levantadas a partir da presença do aluno com deficiência em sala de aula. Consiste de diálogos, oficinas, palestras, etc. O objetivo é promover atividades coletivas que envolvam todos os alunos, sendo eles com deficiência ou não. Também é papel do Terapeuta Ocupacional elaborar materiais que auxiliem os educadores, dando oportunidade para uma maior socialização entre professor-aluno, além de permitir que haja o re-conhecimento daquele indivíduo com deficiência, conhecendo assim as suas necessidades e potencialidades (ROCHA, 2007).

A busca pela interação entre professor e aluno, passa a ser condição fundamental para um atendimento saudável e eficaz, tanto do ponto de vista cognitivo, como emocional. Para tanto, esta parceria, deve ser um momento de prazer e troca, e requer a busca do desejo e da motivação entre ambos.

A prática da Terapia Ocupacional vem mostrar que mesmo havendo o prejuízo intelectual, há a construção de um cotidiano estabelecido através de desejos e significados. E são as habilidades que surgem desses desejos de realizar da pessoa com deficiência, que o obriga a ocupar um papel diferente na sociedade (JURDI e AMIRALIAN, 2006). Papel esse que é de um indivíduo que consegue, supera e é capaz.

Sendo assim, indaga-se saber como poderá contribuir o Terapeuta no processo de Inclusão Escolar nas Escolas Regulares, para que seja assegurado ao aluno com deficiência o direito a educação?

2. JUSTIFICATIVA

A proposta da inclusão escolar para crianças com necessidades educativas especiais vem com o propósito de evitar os efeitos negativos do isolamento social dessas crianças, criando assim oportunidade para que haja interação entre elas, inclusive buscando diminuir o preconceito existente (BATISTA e ENUMO, 2004).

O indivíduo com deficiência deve ser visto como ser humano que possui algumas limitações, mas que é capaz, e para isso é necessário que todos se envolvam. Não adianta incluir a criança na escola regular, e não dar toda a assistência e recursos que ela necessita.

É pelo fato de a criança com deficiência mental possuir atrasos no seu desenvolvimento global, que se faz necessária a construção de um ambiente onde os mesmos sejam motivados, e tenham despertadas as suas capacidades. Muitas vezes a escola é o local de socialização dessa criança, mas nem sempre ele está preparado para lidar com ela.

É importante também que o professor tenha conhecimento sobre a deficiência com a qual vai trabalhar, para conhecer as necessidades educativas que a criança terá. Para tanto ele deve dispor de recursos e adaptações no conteúdo das aulas, visando ensinar a todos os que estão na sala de aula, e não somente aos que não possuem deficiência. Para tal tarefa, o professor pode contar com o auxílio de outros profissionais, como por exemplo, o trabalho da Terapia Ocupacional frente à Inclusão Escolar.

A Terapia Ocupacional no contexto escolar surge para fortalecer os desejos do indivíduo, o seu pensar e agir de acordo com as suas metas e desejos. Quando elegemos as suas prioridades, fica mais fácil a construção do desenvolvimento escolar do indivíduo, utilizando os recursos necessários. Diante disso torna-se imprescindível que possamos desenvolver atividades em que o indivíduo tenha domínio sobre si e sobre a sua realidade, buscando a sua independência e autonomia, a partir das interações pessoais e com o meio, onde esse meio seria a escola.

A busca pelo tema nasceu pela vontade de conhecer melhor outras realidades dos cursos de graduação em Terapia Ocupacional, até então desconhecidas para mim, visto que durante a formação, não tive a oportunidade de atuar na área da educação nos períodos de Estágio Supervisionado. Nesse sentido, a pesquisa tem por objetivo compreender o papel que o Terapeuta Ocupacional possui dentro do contexto escolar, entendendo assim os seus métodos e ações para que o processo de Inclusão ocorra, buscando potencializar as

capacidades de cada indivíduo. Além de buscar contribuir na produção científica sobre o tema.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender como vem ocorrendo o trabalho da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar da criança com deficiência mental na escola de ensino regular nos últimos dez anos por meio de estudo bibliográfico.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar através de levantamento bibliográfico quais são as maiores dificuldades e barreiras que limitam a Inclusão;
- Analisar o papel do Terapeuta Ocupacional nessa prática e com essa população;
- Verificar a contribuição da Terapia Ocupacional no processo de Inclusão Escolar.

4. METODOLOGIA

4.1 DA CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de um estudo descritivo realizado por meio de Revisão Bibliográfica. Segundo Severino (2007, p. 122) “Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas”.

A pesquisa Bibliográfica é aquela desenvolvida a partir do registro disponível, através de referências teóricas, de pesquisas anteriores, encontradas em documentos, artigos, livros, teses, etc.(SEVERINO, 2007; MICHALISZYN e TOMASINI, 2009).

4.2 DO MÉTODO QUALITATIVO

O estudo terá como abordagem o método qualitativo.

Esse método possui fundamentação teórica, e permite descobrir processos sociais que ainda não são muito conhecidos, referentes a grupos particulares, buscando promover a construção de novas abordagens, revisão, além da criação de novas categorias e conceitos durante o processo investigativo (MINAYO, 2008).

Para Minayo (2008, p. 57), o método qualitativo é definido como:

... o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções, e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

4.3 DA BASE DE DADOS

Para o alcance dos objetivos deste trabalho, foi realizada pesquisa eletrônica por artigos na base de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), utilizando como descritores : Inclusão Escolar; Deficiência Mental e Terapia Ocupacional. Foram utilizados artigos que se encontravam no período de 2000 a 2010, em Língua Portuguesa, salvo um artigo que se encontra em data anterior do ano de 1998, utilizado por ser relevante e

importante para a construção do referencial teórico da presente pesquisa. Totalizando ao final o quantitativo de 17 artigos, deste total, foram excluídos 2, por motivo de não se encontrarem dentro dos critérios de inclusão. Também foram utilizados na pesquisa 2 livros na área da Terapia Ocupacional por abordarem tema pertinente ao proposto.

4.4 DOS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Como critérios de exclusão: artigos com data retroativa a 2000 e estudos que não abordassem a Inclusão Escolar dos indivíduos com deficiência mental. Para os critérios de inclusão foram considerados estudos que abordassem o trabalho da Terapia Ocupacional, e suas ações no processo de Inclusão Escolar; artigos sobre os paradigmas da Inclusão Escolar em confronto com a Integração Escolar. Após análise, foram utilizados 15 estudos, sendo 14 artigos e 1 tese de mestrado.

4.5 DA DOCUMENTAÇÃO

Para realização do levantamento de dados e documentação dos mesmos, foi realizado o Fichamento Bibliográfico de todos os estudos encontrados na pesquisa.

Severino (2007, p.70) diz que “o fichário de documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos”.

Objetivou-se com a técnica do fichamento maior organização dos conteúdos, além de facilidade na hora da transcrição dos mesmos.

5. DISCUSSÃO

5.1 ACESSIBILIDADE/ ADAPTAÇÃO DO MATERIAL

Para Maciel (2000) a escola deve ser um ambiente que favoreça a qualidade de vida do aluno com deficiência, sendo assim, devem-se eliminar as barreiras existentes nesse ambiente, sejam elas sonoras, visuais, arquitetônicas, etc, e também analisar se não somente a escola como ambiente físico está preparada para lidar com o aluno com deficiência, mas também a comunidade, os pais, funcionários da escola, dentre outros.

Fica claro na pesquisa que é necessária a mudança do ambiente escolar. Ele deve estar adaptado para receber o aluno com deficiência, e não o contrário. Um ambiente que favoreça a aprendizagem, com recursos e materiais disponíveis, a fim de proporcionar segurança e confiança aos alunos, pais e professores.

As barreiras arquitetônicas são empecilhos consideráveis para um processo de inclusão insatisfatório. Muitas vezes o aluno deixa de frequentar a escola pela dificuldade que ele possui de acesso no interior da mesma. Quando falamos de tornar acessível, devemos pensar em todas as pessoas, sejam elas com deficiência ou não. Além das barreiras arquitetônicas, a adaptação dos objetos, materiais e do currículo escolar, é de extrema importância para o processo de inclusão.

O trabalho da Terapia Ocupacional é modificar esse espaço, tanto no que diz respeito ao ambiente físico, quanto aos materiais utilizados em sala de aula, levando-se em conta as necessidades de cada aluno (ROCHA, 2007). Sabemos que muitos indivíduos que possuem deficiência mental, também tem associado uma dificuldade motora. A atuação da Terapia Ocupacional busca facilitar e dar conforto a esses indivíduos, com ações, como por exemplo, a colocação de rampas e corrimões no interior da escola, proporcionando um acesso mais rápido e fácil à sala de aula, além disso, o aluno com deficiência mental seria colocado em um lugar à frente na sala, facilitando a sua entrada e saída na mesma, e proporcionando um contato mais direto com o professor, adaptações também dos móveis, como por exemplo, a mesa e a cadeira onde o aluno vai sentar.

A Terapia Ocupacional também trabalha no que concerne ao currículo escolar, com o intuito de deixá-lo mais flexibilizado, adaptando as avaliações utilizadas em sala de aula, além do conteúdo dado, levando sempre em conta a capacidade do aluno com deficiência. Auxilia

o professor na busca de metodologias de ensino diferenciadas, de uma forma a tornar mais fácil a compreensão daquele aluno, e também de uma maneira mais interessante, através de músicas, filmes, ou algum outro recurso que chame a atenção do aluno com deficiência mental para atender as necessidades desse indivíduo. Além disso, utiliza como instrumento de trabalho a análise da atividade e o uso de tecnologias assistivas. (ROCHA et al 2003; ROCHA, 2007). É por esse motivo, que Jurdi e Amiralian (2006) afirmam que não é apenas abrir as portas da escola para o aluno com deficiência, é necessário que ele receba todo o suporte e apoio para que lhe seja assegurada à educação, contando não apenas com o espaço físico, mas com oportunidades educacionais.

5.2 TRABALHANDO JUNTO AO PROFESSOR

É necessário que o professor conheça e domine cada deficiência que está lidando em sala de aula, suas causas, seus tipos, e também as necessidades educativas de cada um (MACIEL, 2000), levando em conta não apenas as suas limitações e dificuldades, mas buscando potencializar e maximizar as suas capacidades e conquistas, impedindo assim que haja estereótipos relacionados às deficiências. Para Rocha et al (2003) a superação da deficiência é a chave para conseguirmos acabar com o processo de exclusão escolar e social.

Pesquisas mostram que a falta de capacitação dos professores, a falta de conhecimento e despreparo acerca das patologias presentes em sala de aula são um dos principais fatores do possível fracasso da inclusão escolar, pois acabam gerando situações de medo, recusa e preconceito. (ROCHA et al, 2003; TOYODA et al, 2007). Isso se dá também pela falta de formação proveniente das universidades, que na maioria das vezes não aborda durante a graduação a vertente da Inclusão Escolar. (MACIEL, 2000)

A Terapia Ocupacional vem atuar junto ao professor como um auxiliador, sempre trabalhando a sua autonomia e respeito. É um trabalho em conjunto, buscando elencar as necessidades de cada aluno e assim encontrar soluções para tais necessidades surgidas. (ROCHA et al 2003). Para tanto se utiliza de oficinas, conversas, palestras. Sempre deixando um espaço aberto para que o professor possa trazer as suas dúvidas e angústias, afinal, ele é responsável não somente pelo aluno com deficiência mental, mas sim pela turma toda, então não é garantido que ele conseguirá trabalhar com aquele aluno tudo que lhe foi proposto, gerando assim situações de frustração, angústia, sentimento de derrota, etc.

5.3 ACEITAR AS DIFERENÇAS

O trabalho da Terapia Ocupacional não se dá apenas junto ao professor, ele visa o coletivo atuando junto aos outros alunos, aos pais, a comunidade, aos funcionários da escola, etc. (ROCHA et al 2003; ROCHA, 2007). Todos devem estar preparados para receber o aluno com deficiência. As palestras, oficinas, e conversas oferecidas, também possuem como público alvo esses outros indivíduos que fazem parte do ambiente escolar, atuando principalmente junto aos outros alunos que se encontram em sala de aula. Mostrando que eles devem compreender, aceitar, saber conviver, respeitar e valorizar a deficiência. Alves e Tebet (2009) afirmam que as diferenças de cada indivíduo não devem ser simplesmente aceitas, e sim valorizadas.

Jurdi et al (2004) afirma que a educação se dá através de encontros, possibilitando assim o acesso do indivíduo ao conhecimento. Sendo assim, a partir do momento em que há a desmistificação, compreensão e valorização da deficiência por todos os indivíduos responsáveis pelo processo de inclusão, esses encontros acontecem, sendo eles, do aluno com deficiência e o professor, esse aluno e os demais alunos da sala de aula e da escola, entre ele e os funcionários, dentre outros. É essa interação com o meio que vai proporcionar o crescimento daquele indivíduo com deficiência. É por esse motivo que Mantoan (1998) diz que é preciso levar em conta o papel do meio em que o indivíduo está inserido, no que diz respeito à sua adaptação e interação.

A Terapia Ocupacional vem para trabalhar dentro do ambiente escolar, ampliando o foco de ação, que não é mais o indivíduo, passando a ser agora o coletivo. Vislumbrando uma organização em que todos são responsáveis por todos (ROCHA et al 2003).

São muitas as surpresas com relação à diferença, uma delas é percebermos que somos frágeis, que todo ser humano está sujeito a passar por momentos de limitação, seja ela mais nítida como uma disfunção, ou mais discreta, como uma depressão. Assim, tornar a convivência como um exercício de tolerância e aprendizado, desencadeará um processo de evolução social, de desenvolvimento pessoal, que só acontecerá se for uma via de mão-dupla (MARINS E PALHARES, 2007).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que uma das principais funções da escola é favorecer ao indivíduo, além do conteúdo curricular, a possibilidade de formação da cidadania independente de credo, raça, cor, ou necessidades educativas especiais, possibilitando a inserção de todos os alunos. A escola deve ser vista como mediadora de conhecimento, onde todas tenham a possibilidade de crescer e tornarem-se cidadãos sendo necessário, para isso, romper com as barreiras da segregação.

Torna-se urgente uma ação que contribua para que o processo educacional seja bem sucedido, elevando a autoestima, a autoimagem e o autoconceito dos alunos, proporcionando um novo saber, estar, ser e fazer. Mas para isso é necessário resgatar a relação de respeito mútuo e confiança entre eles e a escola.

A pesquisa nos mostra a importância da Terapia Ocupacional no processo da inclusão, fortalecendo e resgatando o respeito e a confiança na relação entre professor-aluno, entre o aluno com deficiência e os outros alunos, entre o aluno e os demais membros da escola, dentre outros.

A inclusão escolar não propõe apenas o acesso à escola regular, mas a quebra de paradigmas, uma nova forma de resignificar a educação, não apenas no sentido curricular, mas também das relações.

No processo de inclusão, todos os indivíduos devem receber as mesmas condições de ingresso, enfocando-se as potencialidades e não as diferenças. Valorizando a diversidade, necessitando ainda de mudanças externas, como no ambiente escolar, mas também e principalmente de mudanças internas, como valores, tolerância, paciência, humanidade e por último, mas não menos importante amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, H.C.; TEBET, G. DE C. **A formação de professores no paradigma da inclusão: a educação infantil e a educação especial em pauta.** *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 17, n.1, p. 7-23, jan-jun 2009.

BATISTA, M. W.; ENUMO, S. R. F. **Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros.** *Estudos de Psicologia*, Espírito Santo, v. 9, n. 1, p. 101-111, 2004.

CARVALHO, R. L. **Deficiência mental: Aprendizagem e Desenvolvimento.** *Estudos, Goiânia*, v. 33 n. 5/6 p. 473-486 maio/jun. 2006.

CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **História da Terapia Ocupacional.** In: Léa Beatriz Teixeira Soares. *Terapia Ocupacional: fundamentação e prática.* Rio de Janeiro: Guanabara KOOGAN, 2007.p. 3-9

GHIARDI, M. I. G. **Educação inclusiva, processos psicológicos e a Terapia Ocupacional.** *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 11, n.1, p. 13-16, jan/abr 2000.

JURDI, A. P. S. **O processo de Inclusão Escolar do aluno com deficiência mental: a atuação do Terapeuta Ocupacional,** Dissertação (Mestrado), São Paulo, 2004.

JURDI, A.P. S.; BRUNELLO, M. I. B.; HONDA, M. **Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino.** *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.15, n.1. p. 26-35, jan./abr, 2004

JURDI, A. P. S.; AMIRALIAN, M. L. T. M. **A inclusão escolar de alunos com deficiência mental: uma proposta de intervenção do terapeuta ocupacional no cotidiano escolar.** *Estudos de Psicologia Campinas* vol. 23, n. 2, p. 191-202, 2006.

MACIEL M. R. C. **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social.** *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v.14, n.2, p. 51-56, 2000.

MÂNGIA, E. F.; LANCMAN, S. **Editorial. Saúde, Trabalho e Terapia Ocupacional.** *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v. 14, n.1, p. i, jan./abr., 2003.

MANTOAN, M. T. E. **Educação escolar de deficientes mentais: Problemas para a pesquisa e o desenvolvimento.** *Caderno CEDES Campinas*, vol. 19, n. 46, p.1-8, 1998.

MARINS, S. C. F.; PALHARES, M. S. **Educação inclusiva: relato de uma experiência a partir da visão dos gestores municipais.** *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, vol. 15, n. 1, p. 69-90, 2007.

MICHALISZYN, M. S.; TOMASINI, R. **Pesquisa: Orientações e Normas para Elaboração de Projetos, Monografias e Artigos Científicos.** Quinta Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, p. 51, 2009.

MINAYO, Maria Cecília S.. **O desafio do conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, p.57, 2008.

NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. **Atraso de Desenvolvimento e Retardo Mental**. In: **Olga Baloueff**. Willard e Spackman Terapia Ocupacional. Nona Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, p. 536-541, 2002.

ROCHA, E. F. **A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces**. **Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo**, v. 18, n.3, p. 122-127, set/dez. 2007.

ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIZN, M. A. R. **Reflexões sobre as possíveis contribuições da terapia ocupacional nos processos de inclusão escolar**. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 72-8, maio/ago. 2003.

SANCHES, I.; TEODORO, A. **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos**. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 8, jul. 2006 . Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502006000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 nov. 2012.

SEVERINO, A. J.; **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 Ed. Ver. E atualizada. São Paulo: Cortez Editora, p. 71-122, 2007.

TOYODA, C. Y.; MENDES, E.G.; LOURENÇO, G. F.; AKASHI, L. T. **O contexto multidisciplinar da prática da Terapia Ocupacional frente ao paradigma da inclusão escolar**. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 15, n.2, p. 121-130, jul-dez 2007.